

CULTURA ASCURRENSE VI: PADRE JOSÉ MARIA JACOBS

Prezados Ascurrenses e caros leitores do "Jornal Parole"

Dando seqüência aos artigos sobre "Cultura Ascurrense", nesse mês queremos resgatar a memória de uma das personalidades mais significativas na história de nossa cidade e de nossa tradição religiosa e cultural: Padre Jacobs. É importante que se reconheça que a religiosidade e o apego a tradição católica são uma das características mais marcantes em nosso município. E a história do Padre Jacobs somente vem a nos comprovar isso cada vez mais.

Como fonte histórica de pesquisa, os relatos que estaremos abaixo descrevendo são baseados na obra de José Finardi, que conta a história da imigração italiana em Ascurra, de 1876 a 1976. Ele coloca o Padre Jacobs *"Entre as Personalidades que prestaram inestimáveis serviços à coletividade ascurrense (...). Segundo Finardi, "desde a primeira visita a Capela de Ascurra, em outubro de 1877 até 1892, ano em que foi para o Rio de Janeiro teve uma predileção toda especial por Ascurra. E a população retribuía com a mais irrestrita obediência e comovente afeição e respeito filial."*

Assim, caros leitores, abaixo vamos contar um pouco sobre a trajetória do Padre Jacobs. De sua chegada em Ascurra, suas idéias, os problemas e sua partida. De personalidade forte, sua passagem por Ascurra foi marcada por um lado pelo respeito e influência sobre a comunidade e por outro por processos e turbulências vindas das idéias que o padre defendia.

Quem Era

Natural, de Düren, na Renânia, onde nasceu a 16 de maio de 1832, Pe. José Maria Jacobs naturalizara-se norte-americano, ordenando-se sacerdote na Catedral de Baltimore, nos Estados Unidos, em 23 de dezembro de 1856.

Tendo professado na Congregação dos Padres Redentoristas, da qual mais tarde se transferiu para o sacerdócio secular, fora preparado para a pregação especialmente dirigida à refutação das doutrinas luteranas, para o que sentia-se preparado a combatê-las, não só por sua inteligência de escol e grande capacidade de argumentação, como também pelo seu entusiasmo e destemor.

Pe. Jacobs era, assim, o elemento Indicado para neutralizar o "quisto religioso" que se estava formando na Colônia de Blumenau, vindo daí sua escolha. por parte do Governo Imperial e indicação do Papa Pio IX, para primeiro vigário da então recém-criada Paróquia da Freguezia de São Paulo Apóstolo, instalada oficialmente a 2 de junho do ano seguinte.

De gênio severo, caráter altivo. excessivamente áspero no falar, intolerante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem quer que fosse, senão à vontade de Deus.

Esses defeitos, unidos às continuas e acirradas desinteligência com pastores e próceres luteranos e também políticos, grangearam-lhe grande antipatia e numerosas Inimizades que aumentaram, mais ainda com o advento da República. Ferrenho monarquista. defendia ardorosamente os conservadores contra os adeptos do regime republicano, fazendo-o do próprio púlpito, onde pronunciava com agressividade inaudita, as medidas tomadas pelos novos detentores do poder, inconformado com a separação da Igreja do Estado, que tolhia as prerrogativas de que então gozavam os padres da religião oficial.

Os Processos

Foi, por isso, processado por três vezes. O primeiro processo foi de Iniciativa de um comerciante de Rodeio de quem Pe. Jacobs, do altar havia criticado o procedimento moral e civil e de outros rodeienses imbuídos de idéias anti-religiosas e socialistas; o segundo processo originou-se de desacato ao presidente da Câmara Municipal, atinente à reconstrução de uma cerca do terreno fronteiro à residência paroquial; e o terceiro processo. este Iniciado pelo próprio promotor público da Comarca, pelo motivo de haver Pe. Jacobs realizado um casamento religioso antes do civil. Desse último processo Pe. Jacobs não conseguiu livrar-se, tendo sido afinal condenado a três meses e determinada a sua prisão.

A Prisão

No dia seguinte à condenação, 10 de fevereiro de 1892, foi expedido mandado de prisão, ao qual Pe. Jacobs resistiu, obrigando ao oficial de justiça, executor do mandado, a requisitar três praças policiais. No ínterim, Pe. Jacobs dera-se à fuga, escondendo-se em Caminho de Areias, Indalal, de onde escreveu um bilhete a seu fiel amigo Giovanni Buzzi, de Ascurra, pedindo-lhe que viesse buscá-lo, juntamente com outros paroquianos.

Como Foi

Emilio Buzzi, então Jovem de 26 anos, testemunha ocular e um dos seis filhos varões de Giovanni Buzzi, dedicado e fiel amigo do Pe. Jacobs, assim nos narrou, em 1942, 50 anos depois, o episódio da prisão do mesmo:

"Ao receber o bilhete do Pe. Jacobs, meu pai Giovanni Buzzi, reuniu sete colonos moradores nas adjacências e comigo e mais meu Irmão Ferdinando, fomos a toda pressa para Caminho das Areias, no Indaial. Lá, com roupas surradas, cedidas pelo colono polaco Jacob Tarnowski, amigo do padre, fantasiados Pe. Jacobs de colono, com chapéu de palha, sapatos da época e partimos de regresso a Ascurra, a noitinha, em duplas distanciadas para não despertar atenção".

"Ao chegarmos em Ascurra a madrugada do dia 13 de fevereiro de 1892, cerca de 100 colonos nos aguardavam alertados que foram pelo meu Irmão Battista, todos já armados de espingarda e bombas caseiras, rodeando nossa casa, prontos para rechaçar qualquer tentativa de prisão de Pe. Jacobs. Imediatamente cavamos um buraco no barro, debaixo da escada que conduzia ao sótão, onde ficaria Pe. Jacobs escondido em caso de ser procurado".

"Durante 17 dias ficou Pe. Jacobs guardado, dia e noite, por cerca de 90 colonos, que se revejavam dispostos a liquidar quem quer que tentasse pôr a mão no vigário. Justamente a 1.º de março, de tarde, meu pai recebeu um recado de um emissário que se dizia amigo de Guilherme Engelke, negociante em Blumenau e grande amigo do Pe. Jacobs, dizendo que este poderia voltar pois tudo fora normalizado pelo Dr. Hercílio Pedro da Luz. Naquela época já influente homem público e grande amigo do Pe. Jacobs. Pe. Jacobs, então, dispensou os amigos colonos que por tantos dias o guardavam, fazendo-o à noitinha.

No dia seguinte - continua Emilio Buzzi - acordei cedo e, ao abrir a janela do sótão da casa onde eu dormia, deparei com cerca de 150 pessoas entrincheiradas na pequena elevação que fica defronte à nossa casa. Todas armadas, sendo que oito delas se aproximando e batendo na porta gritaram:

- Abram ou botamos a porta abaixo!

Acordei meu pai que, apavorado, tratou de acordar Pe. Jacobs, dizendo-lhe:

- Padre, fomos traídos. A policia está aí fora.

A família já estava toda acordada e tomada de desespero. Peguei de uma bomba, e do sótão da casa, Ia atirá-la em cima do grupo de oito pessoas que estavam embaixo, quando fui Impedido por minha mulher, Clara, que conseguiu arrancar o estopim, ao qual eu já havia ateado fogo.

Pe. Jacobs, ainda sonolento de tantas noites de vigília grita a meu pai:

- Esconda-me Buzzi. Bastam cinco minutos nas mãos desses carrascos para ser eu um homem liquidado.

- É melhor abrir, disse então meu pai.

Pe. Jacobs relutou em aceitar, concordando afinal que meu pai deixasse entrar somente o promotor público e o oficial de Justiça. Eu e meus três Irmãos nos postamos, ao lado Interno da porta, munidos de duas foices e dois facões e, se outras pessoas Insistissem em entrar, seriam exterminadas.

O oficial de justiça leu a Pe. Jacobs o mandado respectivo e deu-lhe voz de prisão. Meu pai Interpelou as duas autoridades:

- O padre vai a pé? - Sim, disseram-lhe as mesmas.

- Isso não - ou vai a cavalo ou não sal daqui - retrucou meu pai.

Temerosas de novas complicações, as duas autoridades concordaram com a exigência de meu pai e eu fui apanhar e encilhar o cavalo.

Acontece que era muito cedo e o cavalo ainda não tinha se alimentado. Meu pai, portanto, impôs nova espera às autoridades, até que o animal se alimentasse, o que demorou cerca de uma hora.

Então, o que se viu, foi a escolta de 150 homens. a pé. e o Pe. Jacobs a cavalo. Se dirigiram. em seguida. até a margem direita do Rio Itajaí-Açu. onde. por precaução haviam sido deixadas as 26 carroças. onde o Pe. Jacobs tomou lugar na quinta carroça. seguindo a escolta para Blumenau".

Nesse Ínterim. o Dr. Hercílio Pedro da Luz. na época agente de terras e depois governador do estado. já havia prestado a fiança pelo padre e. quando a caravana mal chegou ao Ilse. veio um emissário avisar que soltassem o padre, pois o Superior Tribunal de Justiça do Estado havia passado a seu favor uma ordem de "habeas-corpus" por considerar não criminoso o fato por que Pe. Jacobs havia sido processado.

No dia seguinte. Pe. Jacobs teve um ataque cardíaco que o fez vomitar muito sangue. O médico que o assistiu na ocasião prognosticou-lhe poucos meses de vida - o que de fato aconteceu - falecendo Pe. Jacobs no Rio de Janeiro a 1º. de agosto de 1892.

Desapareceu, assim, um dos melhores amigos e benfeitores de Ascurra, a cujo povo deu o melhor dos seus esforços. visando ao seu aprimoramento espiritual e material, povo este que soube sempre retribuir-lhe tamanha dedicação, dispensando-lhe a mais fiel obediência e melhor estima, evidenciada no episódio relatado. E também, fica evidenciado aqui como a religiosidade marca a tradição cultural ascurrense. Que se evidencia em sua força até os dias atuais e que tanta contribuição cultural e humana trouxeram para nossa cidade.

(Texto e entrevista adaptado de: FINARDI, José Escalabrino; BUZZI, Amauri Alberto. **Colonização italiana de Ascurra**. 3. ed. rev. e ampl. / por Amauri Alberto Buzzi. Blumenau : Letra Viva, 1995. 276p, il).